

Identidade Profissional e o Estigma Social do Professor Readaptado

Gisele Nepomuceno Ferreira¹, Rachel Duarte Abdala²

¹ UNIFESP

² UNITAU - rachel.abdala@gmail.com

Recebido em 10 de Agosto de 2017; Aceito em 17 de Agosto de 2017.

Resumo

Este artigo é um recorte elaborado a partir dos resultados dissertação de Mestrado intitulada: Professores readaptados de um município do litoral norte de SP: Mudanças e contradições. O método empregado para realização da pesquisa foi uma pesquisa básica de caráter exploratório, descritivo de abordagem qualitativa, realizada na rede municipal de ensino de um município do litoral norte paulista. A população deste estudo se compôs por adesão de 12 professores readaptados permanentemente. A coleta de dados foi realizada no mês de maio de 2016 por meio da técnica de questionário estruturado. Foram utilizados como referencial os documentos oficiais da Secretaria Municipal de Ensino. Os resultados demonstraram que, apesar da readaptação ser uma estratégia para mitigar os problemas que causam sofrimento ao professor, esta estratégia não vem alcançando objetivos, uma vez que os professores ao serem readaptados sentem-se tolhidos de sua identidade profissional e excluídos do meio social a qual se prepararam ideológica e profissionalmente para viver por toda sua trajetória profissional. O estudo aponta que são necessárias intervenções e novas políticas públicas para reintegração e acompanhamento psicológico e emocional permanente aos professores que estão readaptados ou em fase de readaptação.

Palavras-chave: readaptação profissional. identidade. mal-estar. estigma social.

Abstract

This article is a cut from the dissertation Master's thesis titled: Readapted teachers from a municipality on the north coast of SP: Changes and contradictions. The method used to carry out the research was a basic exploratory research, descriptive of a qualitative approach, carried out in the municipal teaching network of a municipality on the north coast of São Paulo. The population of this study was composed by the adhesion of 12 permanently readapted teachers. Data collection was carried out in May 2016 through a structured questionnaire technique. The official documents of the Municipal Teaching Secretariat were used as reference. The results showed that, although the readaptation is a strategy to mitigate the problems that cause the teacher to suffer, this strategy does not reach objectives, once the teachers, when being readapted, feel themselves to be blocked from their professional identity and excluded from the social environment. Which ideologically and professionally prepared to live throughout their professional career. The study points out that interventions and new public policies are necessary for reintegration and permanent psychological and emotional accompaniment to teachers who are readapted or in the process of readaptation.

Keywords: professional readaptation. identity. malaise. social stigma.

INTRODUÇÃO

O mundo do trabalho tem sofrido profundas mudanças com o processo de globalização e a nova ordem estabelecida nas relações entre capital e trabalho. O professor vem sendo sistematicamente culpabilizado pela falência do sistema educacional e cobrado por responsabilidades que não fazem parte de suas atribuições funcionais. Nota-se, então, que o serviço público, e nele o trabalho docente, não ficaram incólumes às transformações ocorridas no mundo do trabalho, pois a precarização das condições de trabalho e de saúde afetaram social e psiquicamente esses trabalhadores.

Diante desta situação, encontra-se uma nova classe de professores denominados de readaptados, e que, muitas vezes, se veem em um processo de desarranjo daquilo que antes almejavam como sendo os planos e metas de vida. Por classificação funcional legal professor readaptado é aquele que, por motivos sérios de saúde, torna-se incapaz de exercer as funções para as quais foi concursado, passando a desempenhar outras atividades (readaptadas) como por exemplo, na biblioteca, na sala de leitura, ou como inspetor, coordenador, secretário etc., segundo recomendação médica.

A readaptação do professor é o afastamento deste profissional da sua função de magistério por motivo de adoecimento, seja qual for, e sua recolocação em outra função profissional. A readaptação é concebida como um processo que, normalmente, inicia-se com o afastamento por meio de licença médica, concedida por um perito ou equipe multiprofissional de peritos (médicos, psicólogos e assistentes sociais).

A readaptação, como direito jurídico, não é um item específico da Constituição Federal Brasileira, mas recebe sua aplicação com base nos direitos do segurado previdenciário, previstos no parágrafo 21, do artigo 40, da Carta Magna de 1988.

A readaptação foi estabelecida em 12 de julho de 1960 pela União Federal¹, que efetivou, entre outras medidas, normas para o servidor em situação de desvio de função.

É sabido que ficar doente é uma das possibilidades da vida. Entretanto, as condições de vida e de trabalho podem contribuir para esse processo. Encontram-se entre os fatores que desencadeiam a doença, a sensação de medo, as jornadas estafantes, a situação econômica, a falta de estruturas físicas dos locais de exercício da função, os deslocamentos de uma escola para outra, dentre vários outros. Diante dessa situação-problema, objetiva-se estudá-la e, para tanto, é relevante conhecer de perto a realidade desses sujeitos, investigar os sentidos que permeiam suas histórias e sua nova identidade como professores readaptados.

Com o processo de readaptação instaurado, novos comportamentos e sintomatologias vão sendo reconhecidos por parte dos professores e não raro, acabam por desencantar da sua identidade profissional, que é reconhecidamente um dos elementos no processo da consolidação da qualidade da educação. Pensar na reconstrução desta classe profissional torna-se ainda mais complexo devido ao impasse em torno da questão de “ser profissional” ou “fazer o que ama”. Logo, é relevante compreender essa problemática do ponto de vista dos professores, aqui em especial daqueles que adoecem e se readaptam a uma nova função, pois somente assim teremos subsídios para compreender as possíveis falhas no sistema educacional de ensino.

Este artigo é um recorte elaborado a partir dos resultados dissertação de Mestrado intitulada: Professores readaptados de um município do litoral norte de SP: Mudanças e contradições. O método empregado para realização da pesquisa do ponto de vista dos objetivos foi uma pesquisa básica de caráter exploratório, descritivo de abordagem qualitativa, realizada na rede municipal de ensino de um município do litoral norte paulista. A população deste estudo se compôs por adesão de 12 professores readaptados permanentemente. A coleta de dados foi realizada no mês de maio de 2016 por meio da técnica de questionário estruturado. Foram utilizados como referencial os documentos oficiais da Secretaria Municipal de Ensino.

1

Ver: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/leis/1950-1969/L3780.htm

READAPTAÇÃO PROFISSIONAL, SAÚDE E ESTIGMA SOCIAL

A perspectiva do campo da saúde do trabalhador amplia o ponto de vista acadêmico, político e institucional da Saúde Coletiva, através da demarcação do processo saúde e doença dos diversos grupos humanos, em sua relação com o trabalho, contrapondo-se à base conceitual das concepções hegemônicas sobre a relação trabalho-saúde (da medicina do trabalho e da saúde ocupacional). Essa perspectiva transcende o marco do direito previdenciário-trabalhista e coloca em destaque o lado humano do trabalho (MINAYO; GOMEZ, 2011). Nessa linhagem, servem de fundamento filosófico as análises substantivas de Marx sobre o trabalho, colocando em destaque seu núcleo fundamental acerca da produção da vida material: o trabalho não deriva somente da necessidade de satisfação biológica para a reprodução da vida, mas, sobretudo, de uma satisfação social, de realização humana que possibilita a produção de valores e de ideias (MARX, 1974). Por esse ângulo teórico, interpreta-se que é no modo de produção capitalista que o trabalho deixa de ser liberdade de realização de si mesmo, passando a ser estranho e alienado (MARX, 1974). De acordo com Dejours (2004), pode-se perceber a centralidade do trabalho, na construção da identidade humana e na sua saúde, como fonte de sofrimento e prazer. O trabalho pode ser um gerador de saúde ou, ao contrário, um constrangimento patogênico. O trabalho jamais é neutro. Ou joga a favor da saúde ou, pelo contrário, contribui para sua desestabilização e empurra o sujeito para a descompensação (DEJOURS, 2004, p. 138).

Nessa descompensação o processo de readaptação tem se tornado uma alternativa crítica para os professores que se veem-se tolhidos de sua identidade profissional e que não conseguem permanecer ou se adaptar as mudanças do contexto sócio-educacional nesta era de novas políticas de educação. A educação que até meados da década de 90 era pautada em qualidade, ou ensino de elite, e que atualmente assume o papel de ensino voltada das massas, requer muito preparo emocional e profissional, além de subordinação e resiliência² dos docentes, entretanto, este treinamento preparatório não vem a contento. A política de educação vem transformando a educação de qualidade nas instituições de ensino por uma educação de quantidade, não importando qual o custo humano envolvido. Os professores estão sendo afastados, readaptados, e mesmo aposentados, por não serem bem aproveitados ou por não conseguirem se adaptar às más condições de trabalho. (NÓVOA, 1995).

A partir destes conceitos, é possível extrair alguns resultados da pesquisa a despeito da percepção na condição de readaptado os seguintes resultados foram expressos:

- P1: Marginalizada sem o devido valor. Para a secretaria de educação, embora eu trabalhe muito não sou percebida como professora da educação
- P2: Desvalorizada em vários sentidos, não me sinto mais professora
- P3: Um lixo
- P4: Perdi minha identidade, tenho a sensação de inutilidade e sou vítima de preconceito
- P7: Constrangida
- P10: Um peso morto para a comunidade educativa
- P11: Incapacitada
- P12: Sofrida, desmotivada, discriminada e PUNIDA

Nesse ponto, cabe um espaço para a reflexão acerca do estigma, pois, ao analisar as respostas dos questionários dos professores em questão a respeito de como percebem após o processo de readaptação a readaptação, encontramos algumas falas como: “Marginalizada – P01”, “incapacitada – P11”, “Um peso

² Resiliência (psicologia) A resiliência é a capacidade de o indivíduo lidar com problemas, superar obstáculos ou resistir à pressão de situações adversas - choque, estresse etc. - sem entrar em surto psicológico, dando condições para enfrentar e superar adversidades.

morto – P10”, “Um lixo – P03”, “Constrangida – P07”, “discriminada – P12”, “Perdi minha identidade – P04”, “Punida”, etc.

Goffman (1963, 2004) ao analisar a questão do estigma, coloca que os ambientes sociais criam categorias que nos aproximam nas relações sociais e nos permitem uma relação sem atenção ou reflexão particular. “Então, quando um estranho nos é apresentado, os primeiros aspectos nos permitem prever a sua categoria e os seus atributos, a sua “identidade social” (p. 05). Neste sentido, conferimos um atributo a esse estranho, que o torna diferente, e mesmo menos desejável, e esse atributo é o que Goffman chama de estigma.

Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande - algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem - e constitui uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real. (GOFFMAN, 1963, 2004, p 06).

Os sentidos atribuídos pelos professores que responderam ao questionário à readaptação expressam um estigma, na medida em que representam esses sujeitos readaptados como diferentes, desacreditados e com fraquezas que destoam dos atributos do grupo social dos professores. Eles deixam de fazer parte dessa coletividade por não possuírem mais a capacidade de exercer o magistério e estarem excluídas de sua função original e função principal do grupo social dos professores.

A depreciação é marcante no estigma e, quando os professores dizem que se sentem mal ou que não estão servindo, ou ainda que exista a sensação de inutilidade, há a depreciação do “eu” no contexto do social.

Porém, ao apresentar dúvidas com relação à sua situação de readaptado, ao dizer que esse pode ser um espaço de produção e de exercer suas potencialidades, mesmo que em diferentes funções, os professores readaptados se encaixam na categoria que Goffman (1963, p. 09) descreve como sendo aquele que é estigmatizado, mas que consegue viver efetivamente com o que lhe foi exigido e permanece, relativamente, protegido por crenças de identidade própria: “Ele carrega um estigma, mas não parece impressionado ou arrependido por fazê-lo.” Goffman considera que o mais importante seja perguntar como o estigmatizado lida com tal situação. Escreve que há uma predisposição à “vitimização” e à angústia extrema que os levam a circunstâncias extremas.

A reflexão que se faz é que não se pode deixar de citar a importância dos aspectos constitutivos da personalidade e a sua relação com as condições sociais, históricas e culturais, aspectos que vão definir o modo como cada sujeito vai responder à estigmatização.

Uma pessoa pode usar seu estigma para “ganhos secundários”, outra pode usar no sentido de que seu sofrimento foi uma “benção” ou um aprendizado, ou pode se isolar, tornando-se desconfiada, deprimida e hostil. Como o sujeito vai internalizar, ou dar o sentido subjetivo a sua vivência, é o que vai definir suas ações e atitudes.

As respostas dos questionários demonstram que os professores se sentem inseguros em como seu grupo social as identificam. Todos os atributos descritos por eles levam à descrença em seu potencial, à exclusão, ao isolamento, à falta de reconhecimento, à identificação de pessoas doentes e que deixaram de servir de forma produtiva, à relação e à função educacional.

Há, então, a perda do sentido de ser professor(a), a perda da identidade, pois o lugar que ocupavam na instituição escolar, lugar nos processos de ensino e aprendizagem, já não lhes cabe. Os professores são afastados do magistério, da regência, das relações pedagógicas e ficam as perguntas: “Qual a minha função,

agora que não sou mais professora?”, “Qual minha identidade, agora que não mais me identifico com minhas características de docente? São questões que levantamos após analisar as entrevistas e entender que são esses sentidos expressos pelas participantes: excluídas da profissão, excluídas da sala de aula, excluídas da saúde, excluídas das relações, enfim excluídas do “ser professor”.

Mas o que entendemos por esse esvaziamento do “ser professor”? Souza (2006) escreveu um artigo em que questiona a formação dos professores com a pergunta: Esvaziamento de uma prática ou uma prática esvaziada? Os professores readaptados acreditam que suas práticas perderam o sentido e o significado, portanto estão esvaziadas. Esses sentidos se referem a como concebem, subjetivamente, a sua prática profissional agora que não são mais professoras no cotidiano escolar e que não pertencem mais às relações de ensino e aprendizagem, estando readaptado em outras funções.

RELAÇÕES DE TRABALHO E MAL-ESTAR DOCENTE.

Os professores aqui manifestam seu descontentamento e a forma como se sentem em relação ao seu momento profissional.

P1: Triste pois trabalho e não tenho direitos financeiros como os demais colegas que estão na ativa, especialmente aqueles que estão fora da sala de aula ocupando cargos de confiança.

P2: Triste, desamparada, principalmente com a forma como somos tratados. Há muitas perdas.

P3: Me sinto uma inútil. Quando precisam de mim vem cheios de mimos, quando não, fico 25h/semana largada na sala dos professores.

P4: Sinto que tenho uma função definida, porém me sinto às vezes perdida em relação a minha vida profissional.

P6: Desilusão total.

P7: Péssimo. Sinto-me esgotado e frustrado.

P8: Mal compreendida e sem compaixão pelo meu estado de readaptada e doente. Ignoram o que eu sinto e o que eu posso fazer.

P10: Triste. Investi tanto...cursos caros... livros, entender o OBMEP o ENEM e me qualificar em outras áreas hoje tudo o que sei, tudo o que vivenciei está parado e desvalorizado.

P11: Sem perspectiva alguma.

P12: Tristeza, impotência, desvalorização, vergonha, e nenhum empenho por parte da SME em auxiliar e atender os pedidos e solicitações que sugeri para meu retorno.

A partir da consideração das transformações históricas do mundo do trabalho, um fato importante que se traz à tona, é de que as mudanças na organização do trabalho impactam na capacidade de adequação docente diante destas novas configurações. Essa situação remete a profundas reflexões sobre a constituição do trabalho dos professores e as implicações no que se refere à formação de sua identidade profissional.

É evidente que em que determinadas escolas as condições do ambiente de trabalho e das práticas educativas vigentes (sobrecarga de trabalho, condições do ambiente físico e relacional) não favorecem a promoção da saúde. No entanto, conforme esclarece Bastos et al (2010, p.77) os professores readaptados são “forçados a estar em um novo local de trabalho que, não raro lhes é tão estranho quanto amorfo”. É possível confirmar isso, por meio da resposta do P4 ao dizer:

P4: Sinto que tenho uma função definida, porém me sinto às vezes perdida em

relação a minha vida profissional.

Em paralelo a isso, vem a esperança de um novo recomeço em uma nova condição de trabalho, contudo, sem perspectivas de retorno a sua regência, vez que é de responsabilidade do professor se reconstruir e se curar, sobrevém a angustia frente a limitação da situação, uma vez que já doentes, em muitos casos não desejam enfrentar a realidade que lhes causa dor e sem o apoio dos órgãos competentes (Secretaria Municipal de Educação e Secretaria Municipal da Saúde), se sentem “*incapazes*” para buscar auxílio por si, atribuindo a autculpa a relação de desvalorização, conforme se percebe na resposta dada pela P2 e P8:

P2: Triste, desamparada, principalmente com a forma como somos tratados. Há muitas perdas.

P8: Mal compreendida e sem compaixão pelo meu estado de readaptada e doente. Ignoram o que eu sinto e o que eu posso fazer.

Ainda, é possível observar a relação de punição atribuída os professores além da desmotivação e discriminação por estarem readaptados – (P12)

P12: Tristeza, impotência, desvalorização, vergonha, e nenhum empenho por parte da SME em auxiliar e atender os pedidos e solicitações que sugeri para meu retorno

Bastos et al (2010) também encontrou em suas investigações essa dualidade e contradição dos sentidos atribuídos à situação de readaptação na biblioteca: primeiro como sentido de um espaço de início de uma fase nova na vida escolar e, em oposição, o lugar de calvário e sofrimento, onde a readaptação é penosa e não se tem prazer ou realização pessoal.

A situação atual dos professores, denota que as mudanças sociais vem transformando profundamente o seu trabalho, a sua imagem social e o valor indenitário que atribui a sua própria educação.

Os resultados apresentados trazem um olhar ao mal-estar docente que a profissão de professor vem sofrendo em razão de inúmeras mudanças e contradições no contexto educacional, o que de fato tem contribuído com o esgotamento e esvaziamento emocional destes professores, e como consequência o afastamento e readaptação.

Nóvoa (1995, p. 95) afirma que:

A crise da profissão docente arrasta-se há longos anos e não vislumbram perspectivas de superação em curto prazo. As consequências da situação de mal-estar que atinge o professorado estão à vista de todos: elevados índices de absenteísmo e abandono, desmotivação pessoal, insatisfação profissional traduzida numa atitude de desinvestimento e indisposição constante, recursos de desculpabilização e ausência de reflexão crítica sobre a ação profissional, etc.

Os estudos sobre as condições nas quais se exerce a docência têm exigido um enfoque interdisciplinar e podem ser analisados sob diferentes perspectivas, tais como: sobre o stress dos professores, o aumento da ansiedade e problemas relacionados às condições de trabalho no interior da escola e fora dela. Nos últimos anos, podem ser verificados e analisados o surgimento de mudanças sobre as expectativas sociais projetadas sobre os professores e as variações introduzidas no ambiente profissional destes. As reformas educacionais

vêm surgindo num momento de desencanto com a profissão, sendo percebidas com descrença:

A sociedade parece que deixou de acreditar na educação como promessa de um futuro melhor; os professores enfrentam a sua profissão com muita atitude de desilusão e de renúncia, que se foi desenvolvendo em paralelo com a degradação da sua imagem social. (NOVOA, 1995 p. 95)

Estas variantes mudanças reagem de forma significativa na idealização e identidade profissional destes professores, que outrora tinham em mente que sua função era apenas de transmitir o saber, (Saber ← → Aluno) no triângulo pedagógico descrito por Jean Houssaye *apud* Nóvoa et al (1995 p. 08). A passagem de um sistema de ensino de elite, baseado em construção do saber, para um sistema de ensino de massas, implica sobremaneira em novos problemas qualitativos que exigem uma readequação dos professores. Neste paradoxo, surgem os desencantos que atingem muitos professores que não conseguiram redefinir seu papel perante essa nova situação do sistema educacional.

Alvin Toffler (1972) *apud* (NOVOA, 1995, p. 96) “define o choque do futuro” como efeito da mudança social acelerada, cuja principal consequência é o desajustamento do indivíduo, quando perde as referências culturais conhecidas.

Este mesmo sentimento de desencanto afeta muitos professores, O sentimento de isolamento está na origem da insegurança, descrença e das recusas dos professores em relação as novas políticas de reforma educativa.

Nóvoa (1995, p. 97) descreve a situação dos professores como um mal estar constante, comparado a um grupo de atores que recebem um papel para encenar, com traje a rigor de uma determinada época e que quando as cortinas se abrem para a plateia há um novo pano de fundo, um novo cenário pós-moderno³, não condizente com seus figurinos antiquados. A primeira sensação dos atores é de surpresa, depois tensão e desconcerto, com um forte sentimento de agressividade, desejando saírem do palco a fim de procurar os responsáveis por toda aquela desordem, ou pelo menos uma explicação. Nesta situação, qual seria a melhor reação: Continuar a encenação em meio a um cenário totalmente avesso ao que se tinha em mente? Ou parar o espetáculo e abandonar o trabalho? Nesse drama, o problema reside no contexto em que, independentemente de quem provocou a mudança, são os atores que enfrentam a situação vexatória e determinam a saída menos traumática daquela situação. As reações perante esta circunstância, seriam muito variadas, mas em qualquer caso a palavra mal estar resume os sentimento destes atores diante de uma série de circunstâncias imprevistas que os obrigam a fazer papel de ridículo diante da plateia.

Da mesma forma, tal qual os atores descritos na situação acima, os professores atualmente enfrentam diversas mudanças que os obrigam a fazer mal o seu trabalho, tendo que suportar críticas generalizada, que, sem analisar a fontes das circunstâncias, os consideram como responsáveis imediatos pela falha do sistema de ensino.

É possível confirmar isso quando observamos a respostas dos professores ao questionamento de como se sentem em relação a sua profissão de professor:

P1: Muito triste nesta condição, pois não consigo atuar na profissão que sempre sonhei.

3 A pós-modernidade é um conceito da [sociologia](#) histórica que designa a condição [sócio-cultural](#) e [estética](#) dominante no [capitalismo](#) após a [queda do Muro de Berlim](#) (1989), o [colapso da União Soviética](#) e a crise das [ideologias](#) nas sociedades ocidentais no final do século XX, com a dissolução da referência à [razão](#) como uma garantia de possibilidade de compreensão do mundo através de esquemas totalizantes. O uso do termo se tornou corrente embora haja controvérsias quanto ao seu significado e a sua pertinência. (BAUMANN, 1998)

- P2: Perdi Totalmente minha identidade. Me sinto injustiçada, triste, discriminada [...]
P4: Desvalorizada
P7: Desejo mudar de profissão
P8: Desvalorizada e falta de respeito a toda minha carreira de professora.
P9: [...] não sirvo mais para professora
P11: Sem condições de exercer minha profissão com excelência e qualidade.
P12: Atualmente discriminada, desvalorizada desmotivada e impotente.

As queixas expressas pelos professores que responderam ao questionário em relação a como se percebem em suas relações de trabalho após a readaptação podem ser confirmadas na pesquisa de Antunes (2014):

[...] esta pesquisa encontrou fortes indícios de que esse fenômeno de readaptação seja provocado, principalmente, embora não exclusivamente, pelas condições de trabalho enfrentadas pelos professores, em consequência das mudanças sociais e das sucessivas reestruturações do trabalho no sistema capitalista. (ANTUNES, 2014, p. 156).

O mal-estar docente é expresso, portanto, nas condições de trabalho e, conforme explica Nóvoa (1995), esse o mal-estar resume um conjunto de reações dos professores como desajustada e devido às mudanças sociais aceleradas. Ainda Nóvoa (1995, p. 99) acrescenta em seu estudo que há 12 elementos de transformação social que impactam diretamente na forma de atuação do professor. São eles: 1. Aumento das exigências em relação ao professor; 2. Inibição educativa de outros agentes de socialização; 3. Desenvolvimento de fontes de informação Alternativa a escola; 4. Ruptura do consenso social sobre a educação; 5. Aumento das contradições no exercício da docência; 6. Mudança da expectativa em relação ao sistema educativo; 7. Modificação do apoio da sociedade ao sistema educativo; 8. Menor valorização social do professor; Mudança dos conteúdos escolares; 10. Escassez de recursos materiais e deficientes condições de trabalho; 11. Mudanças nas relações professor – aluno; 12. Fragmentação do trabalho do professor.

Trata-se de fenômenos sociais que influenciam a imagem e identidade que o professor tem de si próprio e do seu trabalho profissional, provocando a emergência de uma crise de identidade que pode levar a autodepreciação profissional.

Esses elementos de transformação podem ser encontrados em algumas respostas nos questionários com os professores readaptados.

O elemento número 01 diz respeito ao aumento das exigências em relação ao professor. Neste âmbito há um autêntico processo de aumento das exigências ao professor requerendo que o mesmo assuma um número cada vez maior de responsabilidades.

No atual cenário da educação brasileira o professor não pode afirmar que sua função se reduz apenas ao domínio cognitivo – Ensinar o saber. Para além de saber a matéria que leciona, pede-se ao professor que seja facilitador da aprendizagem, pedagogo eficaz, organizador do trabalho de grupo e que para além do ensino, cuide do equilíbrio psicológico e afetivo dos alunos, da integração social e da educação sexual. Como resultado deste aumento de exigências em relação aos professores, produziu-se um aumento de confusão em relação às competências de que necessita para exercer a função que lhe atribui. Nas circunstâncias atuais um dos aspectos mais importantes das competências sociais do docente é a capacidade de enfrentar situ-

ações conflituosas.

Em relação a isso, temos a resposta do professor P10:

P10: Triste. Investi tanto...cursos caros... livros, entender o OBMEP o ENEM e me qualificar em outras áreas hoje tudo o que sei, tudo o que vivenciei está parado e desvalorizado.

É perceptível que este professor, foi se adaptando as novas exigências que o contexto educacional atual exige, porém em razão de um processo de adoecimento, houve um esvaziamento emocional que lhe causou “tristeza”, conforme respondido pelo próprio professor, não podendo este se valer dos recursos aos quais se preparou profissionalmente.

Diante deste discurso, temos o elemento número 08 que diz respeito a menor valorização social do professor.

Este elemento enfatiza as mudanças sociais que o professor contraditoriamente vem enfrentando. Sendo que tanto os professores de primário, quanto do ensino secundário (atualmente ensino fundamental I e II), com superior completo detinham um “status” social e cultural de elevado teor. A vocação e abnegação destes profissionais eram amplamente apreciadas. Contudo, atualmente o “status” social e estabelecido, primordialmente, a partir de critérios econômicos.

P1: Triste pois trabalho e não tenho direitos financeiros como os demais colegas que estão na ativa, especialmente aqueles que estão fora da sala de aula ocupando cargos de confiança.

A resposta deste professor ao ser questionado sobre como se sente em relação a sua valorização profissional, denota a veracidade e impacto emocional da desvalorização econômica e social do professor. Paralelo a isso, é possível perceber um descontentamento de ordem social a esta classe profissional, onde para muitos pais, o fato de alguém ser professor tem a ver com uma clara incapacidade de “ter um emprego melhor”. (NÓVOA, 1995).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as mudanças sociais e econômicas ocorridas nas últimas décadas, as crises e as sucessivas reestruturações do capitalismo que influenciaram o contexto educacional, bem como as condições de trabalho docente, nessa pesquisa, por meio de um panorama das atuais condições de trabalho e saúde dos professores, observou-se que os processos de flexibilização e precarização das condições e relações de trabalho docente são alguns dos elementos que provocam o fenômeno da readaptação. Somam- a isso problemas vivenciados pelos docentes afastados como um excesso de entraves sociais, como por exemplo: a universalização do acesso à educação, baixos salários, violência e indisciplina nas unidades escolares, entre outros. Esses problemas tornam impraticável o exercício da função docente para muitos profissionais.

Diante do exposto, o processo que se inicia com o mal- -estar passando pelo adoecimento e culminando na situação de readaptado, impactam diretamente a identidade profissional destes docentes, levando ao desejo de deixar a profissão; Os mesmos são marcados por estigma, discriminação, sentimentos de autoculpabilização, desvalorização social, o que prejudica sua qualidade de vida e relações interpessoais na nova situação de trabalho em que são colocados.

O professor readaptado sente-se sobrecarregado, fragilizado, incompetente, de maneira consciente ou inconsciente, e afasta-se de suas funções por meio de licenças médicas e readaptação sob o estigma da doença psíquica ou física. Nesse sentido, afirmar a identidade professor readaptado pode contribuir para mudar este quadro de mal-estar e estigma social, a fim de buscar melhores condições de trabalho para essa categoria, bem como propor ações de base social e terapêutica a estes profissionais que estão embotados mentalmente devido ao colapso da educação. Tais proposições remetem à necessidade de considerar o mal-estar docente em suas mais amplas dimensões.

REFERENCIAS

- ANTUNES, S. M. P. S. N. Readaptação Docente: trajetória profissional e identidade. Mestrado em Educação. Faculdade de Humanidades e Direito da Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo – SP, 2014. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/cadernosdeeducacao/article/view/5075> . Acesso em: 03 mar. 2017
- BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. Inquietações da vida contemporânea e suas formas atuais de organização: uma relação de imanência.
- DEJOURS, C. O trabalho como enigma. In: LANCMAN, S.; SZNELWAR, L. (Orgs.). Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004. p. 127-140.
- GOFFMAN, E. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1975. 158p.
- MARX, K. Manuscritos econômico-filosóficos. São Paulo: Abril Cultural (Coleção Os Pensadores), 1974. p. 7-54
- MINAYO GOMEZ, C. Campo da saúde do trabalhador: trajetória, configuração e transformação. In: MINAYO GÓMEZ, C. et al. (Orgs.). Saúde do trabalhador na sociedade brasileira contemporânea. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011. p.23-34.
- NÓVOA, A.; HAMELINE, D. Profissão Professor. NÓVOA, A. (Org.). Porto: Porto Editora, 1991.
- NÓVOA, Antônio (Coord.). Os professores e a sua formação. 2 ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995.
- GOFFMAN, E. Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 1963. Digitalização 2004. Disponível em: <file:///C:/Users/Luciana/Downloads/ESTIGMA%20-%20Erving%20Goffman.pdf> . Acesso em: jun/17.
- SOUZA, K. R. et al. Trajetória do Sindicato Estadual dos Profissionais da Educação do Rio de Janeiro (SEPE-RJ) na luta pela saúde no trabalho. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 8, n. 4, p. 1057-1068, 2003.
- SOUSA, I.F.; MENDONÇA, H. Burnout em professores universitários: impacto de percepções de justiça e comprometimento afetivo. **Psic. Teor. e Pesq.** Brasília, v.25, n.4, p 499-508, 2009.
- SOUZA, K.R.; BRITO, J.C. Sindicalismo, condições de trabalho e saúde: a perspectiva dos profissionais da educação do Rio de Janeiro. **Ciênc. saúde coletiva**. Rio de Janeiro, v.17, n.2, p.379-388, 2012